

CHRISTOPHER WEST

TEOLOGIA DO CORPO PARA PRINCIPIANTES

Uma Introdução Básica à Revolução Sexual,
por João Paulo II

Tradução de
CLÁUDIO A. CASASOLA

Editora Myrian
Porto Alegre, 2014

APRESENTAÇÃO

O empenho com que meu amigo Cláudio A. Casasola se lançou na tradução deste livro de Christopher West vale por si só por um belo testemunho sobre a novidade da *teologia do corpo* de João Paulo II. O livro desenvolve um tema sobre o qual o Papa já havia reunido uma rica experiência com seu trabalho de orientador espiritual de jovens, de namorados e casais, desde seus primeiros dias de padre. O assunto lhe parecia tão importante que, ao assumir o pontificado, voltou a retomá-lo no Salão Paulo VI, em seus encontros semanais com o grande público. Como informa o autor, entre sua eleição, em setembro de 1979 a novembro de 1984, proferiu 129 palestras sobre a dimensão corporal da pessoa humana, centrando-se no sentido teológico da sexualidade.

A propósito, o predomínio desse tema nas atenções de João Paulo II parece ter dado lugar, sobre o fim de seu pontificado, ao tema da verdade na perspectiva de uma visão metafísica. Poucos meses antes de sua morte ainda pôde repetir que o problema hoje é "a crise da metafísica". Dessa preocupação resultaram as duas encíclicas – *Splendor Veritatis* (O esplendor da Verdade) e *Fides et Ratio* (Fé e Razão) – assunto ao qual seu sucessor Bento XVI quis dar continuidade.

Mas o tema de que trata este livro é a teologia do corpo voltada para o sentido da sexualidade. É ocioso repetir que a cultura de nossos dias gira em torno da sexualidade. No entanto, a própria obsessão pelo sexo revela um aspecto positivo.

Mostra sua importância fundamental na vida humana, como se vê desde as primeiras páginas da Bíblia.

Já ali aparece o sentido teológico do sexo. Com efeito, a teologia busca evidenciar tudo o que se refere às realidades que Deus, em sua bondade, se dignou revelar-nos. E a mais sublime realidade, entre as coisas criadas deste nosso universo, foi o ser humano. Criou-o à sua imagem e semelhança... criou-os à imagem de Deus, criou-os homem e mulher. Deus os abençoou e disse: sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra... (Gn 1, 26-28).

Vê-se então que o ser humano, perfeita *imagem e semelhança de Deus*, não é só homem ou só mulher, mas é homem-mulher. Homem-mulher representa a união íntima, profunda, de dois seres feitos à imagem de Deus uno e trino: três pessoas numa só natureza. Por isto, se o homem só já *era bom* (Gn 1,25), com a mulher chegou à perfeição, resultou *muito bom* (Gn 1, 31).

Em razão disso, o sentido profundo da união dos sexos é chamado por João Paulo II de ícone da Trindade, por representar a união eterna das três Pessoas num só Deus. Nas igrejas russa e grega denominam-se ícones certas imagens que têm o dom de evidenciar para os que as contemplam a realidade que representam. Assim, a união homem-mulher se constitui em representação da "imagem e semelhança" de Deus Trindade.

A união dos sexos tem ainda o dom de revelar a própria natureza do amor. Esse, com efeito, busca alcançar o máximo de união com o máximo de distinção. Na Trindade é isto mesmo que acontece: o máximo de união numa só natureza, e o máximo de distinção: três Pessoas perfeitamente distintas. Assim é também o amor entre homem e mulher. Testemunha-o a Bíblia. *Não é bom que o homem esteja só* – conclui Deus ao criar Adão. *Vou dar-lhe uma auxiliar* (Gn 2, 18). Criou a mulher e levou-a para junto do homem, que exclamou: *Eis agora o osso de meus ossos e a carne de minha carne... por isso o homem deixará pai e mãe para se unir à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne* (Gn 2, 22-24).

Está aqui o sentido do amor: a máxima união na máxima

distinção de pessoas. Na linguagem bíblica, *uma só carne* significa união tal quase como se duas pessoas se tornassem uma coisa só. No entanto, permanecem bem distintas, dotadas de liberdade, pela qual devem crescer no respeito e no mútuo estímulo.

Além do mais, do ponto de vista psicológico, o amor verdadeiro, ao atingir determinado grau de crescimento, torna-se capaz de aproximar os esposos ao estado de inocência, ainda que não os imunize das consequências do pecado original. O amor, na verdade, tem a propriedade de transfigurar o corpo. O fenômeno da vergonha não acontece quando existe um profundo amor, o que vem a revelar essa transfiguração do corpo. Assim, os esposos que se amam de verdade não se envergonham da própria nudez. O mesmo se diga das mães diante dos filhos. A vergonha é resultado de uma presença ameaçadora, mas, no amor não existe ameaça, só respeito e proteção.

O mesmo se diga dos processos todos da geração e do parto. Quando há amor, eles são vividos pelos pais, em especial pelas mães, como acontecimentos sublimes, divinos – coisas que a cultura banaliza. Na *Folha de São Paulo* de 11 de maio deste ano (2008) leio uma entrevista com o famoso romancista italiano Umberto Eco. Ao lhe perguntarem qual tinha sido o momento mais feliz de sua vida, respondeu: "Quando nasceu meu filho!". Há poucos dias, ao fim de uma Missa, convidei os fiéis a se aproximarem para uma bênção especial. Uma jovem esposa nos encantou a todos. Grávida, prestes a dar à luz, aproximou-se e pôs-se à frente, feliz, alegre de uma alegria irradiante.

A cultura, infelizmente, não coloca o sexo dentro de suas verdadeiras dimensões, isto é, ordenado ao amor. Confunde por demais genitalidade com amor. Tal confusão leva a sentimentos e atitudes que vulgarizam a relação sexual, vista num contexto estranho à sua própria natureza.

Para ilustrar isto, permito-me citar uma página escrita por uma de minhas sete irmãs, descrevendo sua experiência na gestação de três filhos.

... engravidar – escreve ela – foi o momento mais humano-divino que pude sentir em minha vida. Continuará dizendo e me

perguntando: que plenitude de Espírito Santo acontece numa mulher grávida?! O que é que enche de luz o coração dos pais nos nove meses de gravidez, especialmente no nascimento de um filho?! Meu marido, por exemplo, pegava a Paula recém-nascida e rodava com ela nos braços, dançava e me dizia: Quero outra igual a esta, quero mais, muito mais filhos, porque é bom demais! Durante a terceira gravidez, a da Paula, todo mundo me perguntava se era a primeira, tanta era a alegria, a satisfação que eu transmitia. E dizer que eu já andava pelos 34 anos. Eu corria, eu sorria, eu cantava o tempo todo. E quando estive grávida do Marcelo, aos domingos eu jogava canastra até a madrugada; segunda cedo pegava no trabalho e não sentia cansaço! E a gravidez do Rodrigo? Estava no 2º ano de faculdade, e fazia estágio direto das 7 às 13 horas. À tarde frequentava as aulas. À noite saía para reuniões... Eu sempre dizia que durante minhas gravidezes eu tinha um Deus poderoso dentro de mim, tanta era a disposição que sentia...

Em resumo, a dificuldade não consiste em saber de que maneira resolvemos o problema do sexo, mas sim, de que maneira resolvemos o problema do amor. Por que se tenta, de todas as maneiras, desvincular o amor da procriação? O grande motivo é certamente o egoísmo. O egoísmo conduz à rejeição da procriação, porque os filhos condicionam dependência. O mesmo se diga com respeito à rejeição de Deus. Ambas as realidades acarretam dependência, cada uma a seu modo. Ora, a má compreensão da liberdade induz a pensar que toda dependência é alienação. Entretanto, o amor é a máxima dependência na máxima liberdade e felicidade.

Ademais, minha irmã e meu cunhado sentiram ao natural a relação da procriação com Deus. Quantas outras mães, ao me ouvirem falar sobre o assunto, me testemunharam essa mesma relação! Acontece que o amor é um bem limitado que apela para a fonte ilimitada de todo bem, o Sumo Bem. Toda a água que corre sobre a terra é tributária do mar. Assim, todo o amor procede da fonte, de Deus. E não se entendendo a natureza do amor, rejeita-se a dependência que ele traz.

Essa reflexão que faço brota da leitura meditada deste livro

de Christopher West, *A Teologia do Corpo para Principiantes* de João Paulo II. Almejo de coração que o nobre leitor faça desse livro um companheiro fiel de frutuosas meditações. Se nossa cultura não se empenhar na revalorização do sexo, segundo sua natureza própria, não podemos esperar como resultado uma humanidade mais humana.

Pe. Achylle Alexio Rubin
achyllerubin@yahoo.com.br

ABREVIATURAS

AR – *Amor e responsabilidade* – Obra filosófica de Karol Wojtyła (João Paulo II) sobre a sexualidade. Ed. Loyola, S. Paulo 1982

CF – *Carta às Famílias* – João Paulo II. Carta do ano às famílias.

CIC – *Catecismo da Igreja Católica*.

DV – *Dominum et Vivificantem* – Carta encíclica de João Paulo II sobre o Espírito Santo.

EV – *Evangelium Vitae* – Carta encíclica de João Paulo II sobre a vida.

FC – *Familiaris Consortio* – Exortação apostólica de João Paulo II sobre a família cristã.

GS – *Gaudium et Spes* – Constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo moderno.

HV – *Humanae Vitae* – Carta encíclica de Paulo VI sobre a vida humana.

MD – *Mulieris Dignitatem* – Carta apostólica de João Paulo II sobre a dignidade e a vocação das mulheres.

NMI – *Novo Millennio Ineunte* – Carta apostólica de João Paulo II no encerramento do ano jubilar.

OL – *Oriente Lumen* – Carta apostólica de João Paulo II sobre a luz do Oriente.

RH – *Redemptor Hominis* – Carta encíclica de João Paulo II sobre o Redentor do homem.

RM – *Redemptoris Missio* – Carta encíclica de João Paulo II sobre a missão do Redentor.

VS – *Veritatis Splendor*. Carta encíclica de João Paulo II sobre o esplendor da verdade.

WH – *Witness to Hope* – George Weigel. Biografia do papa João Paulo II.

INTRODUÇÃO DO AUTOR

Em janeiro de 2004, a revista norte-americana *Time* dedicou um número inteiro ao tema da sexualidade humana. Num dos artigos, embora apresentado de um ponto de vista leigo, faziam-se algumas colocações bem acertadas:

De todas as coisas esplendidamente ridículas, transcendentemente gratificantes que os humanos fazem, o sexo (...) é o mais confusamente compreendido. O que estamos fazendo? Por que ficamos tão obcecados por ele? O impulso de procriar pode estar no âmago do sexo, mas, (...) transbordando de nosso centro sexual, há toda uma série de outras coisas – arte, canto, romance, obsessão, êxtase, sofrimento, companheirismo, amor; e até violência e criminalidade – todas desempenhando um enorme papel em tudo, desde a nossa sanidade física até a emocional, nossas políticas, nossas comunidades, nossa própria longevidade.

Por que teria de ser assim? Será que a natureza nos obriga simplesmente a reproduzir-nos? Ou será que não existe aqui algo maior e mais sutil, uma interação superior entre a sexualidade, a vida e o que significa ser humano? (Time, 19.01.2004, p. 64).

Esse “algo mais inteligente em ação”, essa “interação maior entre a sexualidade, a vida e o que significa ser homem” é

precisamente o que o papa João Paulo II explora em profundidade e com uma visão penetrante em sua "teologia do corpo".

Este enfoque novo da teologia do corpo deu e continua dando que falar dentro da Igreja. Na verdade, já começou o que muitos qualificam de "contra-revolução sexual". Ela está avançando a todo vapor, e ninguém consegue detê-la.

Para a grande maioria dos cristãos, entretanto, os ensinamentos do Papa nesta área continuam sendo um tesouro desconhecido. Por quê? Segundo seu biógrafo George Weigel, um fator determinante desta situação é "a densidade do material de João Paulo II; e outro, a falta de uma linguagem capaz de 'transportar' a teologia do corpo em palavras mais simples e acessíveis" (WH p. 343).

Com esta finalidade, lancei, anos atrás, o livro *Teologia do Corpo Explicada*, de umas 500 pp., contendo um amplo comentário dos ensinamentos do Papa sobre o corpo e o amor sexual. Nele procurei desdobrar as intuições do Papa e torná-las mais acessíveis; mas por ser volumoso e de estilo acadêmico, ainda assustava o leitor de nível médio. Era preciso simplificá-lo ainda mais. Ao responder a essa necessidade, com humildade apresento esta breve introdução sobre "Teologia do Corpo para Principiantes".

Nela, após uma importante fundamentação, no capítulo UM, passo a delinear, do capítulo DOIS ao SETE, as principais ideias do ensinamento de João Paulo II de acordo com a estrutura de seis partes na qual ele a apresentou. O capítulo OITO apresenta uma breve conclusão sobre o papel da teologia do corpo em relação à "nova evangelização". Segue-se um glossário que não só oferece definições de palavras e frases-chave para uma consulta rápida, mas serve também de resumo do livro em si. Por último indico a seção das fontes de informação, com nomes de organizações que podem ser usadas pelos que sabem inglês e querem aprender mais sobre a teologia do corpo segundo o Papa.

No entanto, confesso que esta minha tentativa de popularizar a teologia do corpo está longe de ser fácil – é como explo-

rar um território desconhecido. Encontrar os melhores termos, imagens e "estórias" não é brincadeira e continua sendo um trabalho em andamento. Embora meu objetivo seja expressar o conteúdo essencial do ensinamento do Papa, faço-o sob o meu ponto de vista. Como todos os que interpretaram os trabalhos dele, eu também o faço dentro de minhas perspectivas, dons e limitações. Quanto ao leitor, pense no que diz São Paulo: "Examinai tudo e guardai o que for bom" (1 Ts 5, 21).

Peço a Deus que este livro o ajude a descobrir um mundo novo. Realmente, se assumirmos de coração a "revolução sexual" de João Paulo II, a nossa visão de nós e do mundo não será mais a mesma.

Christopher West

Abril de 2004